

perfeitas e imutáveis, e que, pela Lei da Evolução, o Espírito caminha para a perfeição.

Consequentemente, com relação ao Plano Divino e à Lei da Evolução, nossa norma deve ser a de procurar compreender a razão de ser da vida e as leis que regem essa evolução. Essa procura nos conduz a um interesse maior pela questão da existência e sobrevivência do Espírito. E daí decorrem as seguintes conclusões da mais alta importância:

a) Como não se pode conceber a eternidade da vida sem progresso e sem responsabilidades, admitidas a existência e a sobrevivência do Espírito, logicamente se conclui sobre a existência da evolução.

b) Ao se aprofundar no estudo dos meios e processos de evolução do Espírito, surge um princípio do mais elevado alcance filosófico: o das reencarnações, que é básico e imprescindível para a compreensão da vida, segundo o que a vida de hoje está vinculada ao passado e ao futuro. Sem o princípio das reencarnações, a filosofia da vida não consegue estabelecer as causas do passado, que se refletem no presente, tornando-se confusa e impotente perante a lógica e a razão, levando o homem a descambar para o materialismo. Com a aceitação da reencarnação, tudo se modifica e o homem, percebendo sua responsabilidade e sentindo sempre presente a lei da causalidade, conduz de forma diversa sua vida e começa a perceber a grandeza e a perfeição do Plano Divino. E assim procura viver dentro desse plano, esforçando-se para se adaptar a ele de forma lógica, consciente e permanente. Portanto, a felicidade do Espírito consiste em enquadrar-se no Plano Divino e obedecer conscientemente as suas leis.

### 3. PERANTE AS LEIS DO TRABALHO E DA JUSTIÇA

Como norma da vida espiritual em face à lei do trabalho, devemos ter, sempre presente, que o esforço é o móvel da evolução, bem como o fator que lhe assegura o mérito. A evolução do homem depende de seus pensamentos, de suas palavras e de suas ações. A vontade de Deus vem em seu auxílio na sua marcha evolutiva de tal forma que, ao procurar caminhar no sentido das leis naturais, sua evolução se torna mais suave e rápida.



Perante a lei da justiça, que orienta as atividades humanas, dentro da lei do trabalho, conduzindo-as para a meta final da evolução, o trabalho do homem deve ser:

- a) **Honesto:** Para não prejudicar a ninguém;
- b) **Fraterno:** Para auxiliar a todos;
- c) **Coletivo:** Pois sozinho não poderá realizar as grandes obras da edificação social;
- d) **Útil:** Ou seja, objetivando a evolução espiritual individual e coletiva; e
- e) **Perseverante:** Porque a perfeição jamais será atingida sem a perseverança.

Se, por outro lado, nos lembrarmos de que a misericórdia Divina está sempre a nosso lado, favorecendo nossa marcha evolutiva, teremos conquistado mais um poderoso fator de edificação espiritual: a fé.

A fé concorre para aumentar a vontade do homem na luta evolutiva e para lhe trazer a certeza de vitória final, pois quem procurar estar com Deus, vencerá sempre, ainda que muitas vezes as aparências mostrem o contrário. Deus é tudo e tudo pode! Trabalhem, pois, que o céu ajudará.

Finalmente devemos aceitar pacificamente e procurar realizar com esmero, todo o trabalho que a vida nos oferecer, lembrando que, se é errado cruzar os braços, é imprudente e contraproducente procurar tarefas acima de nossa própria capacidade, acima daquelas que a vida ou o destino nos oferecer. Aliás, nunca nos é dada pelo Alto carga maior do que aquela que podemos suportar.

### 4. PERANTE A LEI DO AMOR

Diante da lei do amor devemos pensar e agir sempre no sentido do bem fazer e do bem querer, procurando ajudar o meio em que vivemos na sua marcha evolutiva. Agir sempre pelo bem é a forma ideal de se realizar o preceito evangélico, profundo e imperioso do "amai-vos uns aos outros".

Como não nos é possível acertar sempre, procuremos desenvolver em nós, a par da compreensão progressiva, um progressivo espírito de humildade, a fim de termos coragem de voltar atrás em nossos desatinos, reconhecendo nossa culpa e pedindo perdão aos ofendidos ou prejudicados. Por outro lado, perdoemos sempre aos que nos ofenderem ou nos prejudicarem.

Lembre-mo-nos, contudo, que perdoar não é deixar de reconhecer um determinado erro; é não guardar ressentimento e não tomar represália de violência; é esquecer a ofensa e abrir os braços ao ofensor se ele vier nos procurar; ter boa vontade para com ele, tentando elevar o seu nível de conhecimento e de sentimento, e favorecendo a sua evolução.

Só o amor une; só ele redime; só ele felicita; só ele levará a humanidade à unidade na realização completa da vontade do Criador. Amemo-nos a nós mesmos, procurando aumentar nossa cultura e purificar nossos sentimentos. Amemos nossa família, e por ela não poupemos esforços dentro do campo do que é honesto, justo e razoável.

Amemos nossa grei, depois o nosso estado e depois a nossa pátria. Amemos as demais pátrias e os nossos irmãos que as constituem. Desenvolvamos nossos "talentos" e os ponhamos à disposição de todos os que deles tiverem necessidades para sua própria evolução. Auscultemos todos os dias a voz da nossa consciência e ouçamos serenamente o seu julgamento. Tenhamos coragem de retroceder, quando isso se fizer necessário, para reencontrarmos o caminho preconizado por Jesus.

Só dentro da vontade de Deus pode haver equilíbrio estável, paz, discernimento e felicidade permanentes.

Estudemos o Evangelho com o cérebro e procuremos senti-lo com o coração, vivendo-o em nossa vida de todos os dias. Ele contém as normas divinas da vida e é, incontestavelmente, o Caminho e a Verdade que precisamos conhecer para aceitar, sentir e realizar o Reino de Deus dentro de nós mesmos.

Jesus é o nosso paradigma e ninguém vai ao Pai, à Perfeição, senão seguindo-lhe as pegadas luminosas.

Sejamos sempre criteriosamente exigentes para conosco mesmos, analisando-nos friamente, a fim de vermos até onde atinge nosso egoísmo, nossa ignorância, nossa vaidade, nosso orgulho, nossa maledicência, nossa ociosidade, e procuremos extirpar de dentro de nós esses nossos verdadeiros inimigos. Substituamos o egoísmo pelo altruísmo, o isolacionismo pelo colaboracionismo, o orgulho pela humildade, a vaidade pela simplicidade, a maledicência pelo silêncio caritativo e sábio, a ociosidade pelo esforço. E quando a dor nos dilacerar a alma, saibamos compreendê-la e aproveitá-la porque já sabemos que ela é nossa aliada fiel de evolução e que como tal, funciona como medicamento curativo, em relação aos nossos erros passados face à Vontade de Deus, e como medicina preventiva na nossa vida futura. Procuremos suas causas e

acabaremos por encontrá-las quase sempre, dentro de nós mesmos.

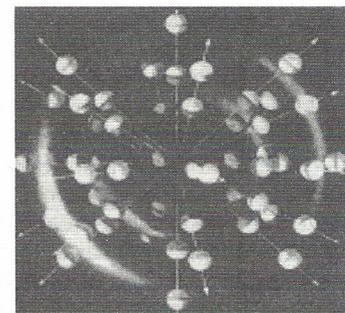
Abençoeamos sempre as oportunidades de trabalho e de redenção que a bondade do Plano Divino nos concede. Realizemos primeiro o pouco para depois podermos realizar o muito.

Começemos a reforma dentro de nós mesmos para podermos ser úteis ao nosso lar, à nossa sociedade e à humanidade inteira.

Para vermos, sentirmos e realizarmos, a vontade do Criador, saibamos sempre manter em nós a serenidade esclarecida, orientando bem os nossos pensamentos, arquitetando com cuidado os nossos ideais e mantendo completo domínio sobre nossas ações.

Enfim, purifiquemos, progressivamente e ininterruptamente, a nós mesmos, para refletirmos, com precisão cada vez maior, a Vontade de Deus e para sermos executores fiéis do Plano Divino da Vida.

## 48. EVOLUÇÃO ANÍMICA (I)



### 1. INTRODUÇÃO

A evolução é uma lei universal. Sua potencialidade encontra-se oculta ou imersa no espírito-matéria deste nosso mundo físico. Ao descer de plano, o Espírito divino e criador, para animar as formas, vai sucessivamente se encerrando nos materiais dos diferentes planos. Assim, os materiais de cada plano, além das energias que lhe são próprias, guardam em estado latente, em potencial, todas as possibilidades de forma e de força pertencentes aos planos superiores. O termo espírito-matéria é aqui empregado porque não existe matéria morta. Sabemos hoje que toda matéria é viva, mesmo as menores partículas são vida. Não erra a ciência quando afirma: "Não

há força sem matéria, nem matéria sem força". Força e matéria estão entrelaçadas por indissolúvel união, através de todas as fases da vida de um universo, e nada pode separá-las.

A matéria é a forma, e não há forma que não contenha em si uma vida; o Espírito é vida, e não há vida que não seja condicionada por uma forma.

Pode-se, portanto, definir ou resumir a evolução como sendo: "a passagem de potencialidades latentes em poderes ativos".

### 2. INÍCIO DA EVOLUÇÃO DA MÔNADA NO MINERAL

Vejamus como se porta no mineral o rudimentar princípio-diretor. Os

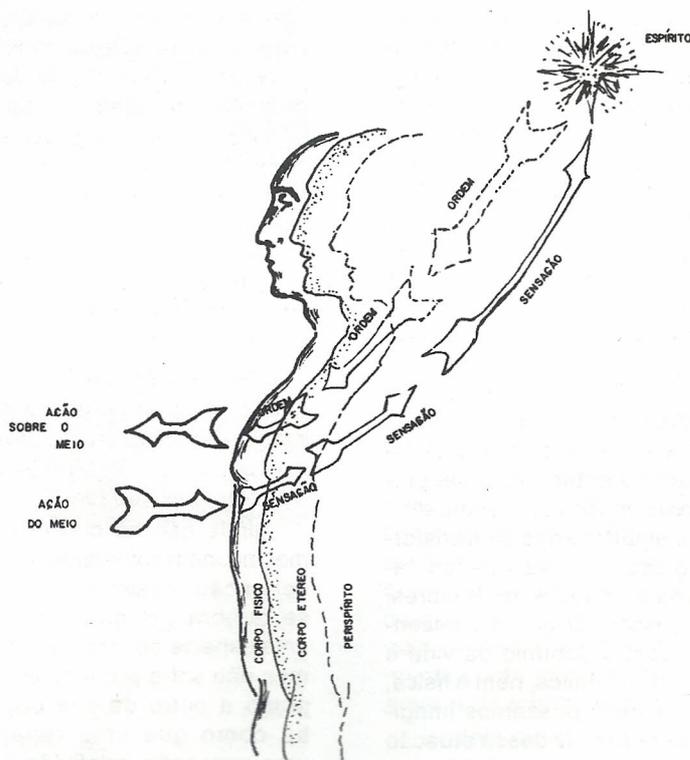
cristais são sociedades moleculares (lei das unidades coletivas) e já expressam um germe de psiquismo rudimentar, embora no princípio de orientação matematicamente perfeito que lhes rege o desenvolvimento; esse desenvolvimento, porém, obedece a movimentos espiralóides em **ciclo fechado**. Na cristalografia, que é a ciência que estuda os cristais e revela as leis de sua formação, já se manifesta esse conceito, esse pensamento animador cada vez mais complexo, segundo planos de simetria regulados por exato critério, conforme se pode observar na harmonia resultante de suas combinações e proporções regulares.

Em todos os componentes de sua classificação, já exposta neste

curso, verificam-se sempre efeitos inteligentes, ritmos matematicamente exatos, numa viva demonstração de que são regidos por uma causa inteligente. **Nos cristais**, segundo o conceito do poeta oriental Sufi Rumi, **o Espírito dorme; mais tarde ele sonhará no vegetal, se movimentará no animal, reencontrando-se a si mesmo no homem.** Não há ainda aqui vida, no sentido de relação; os movimentos são egocêntricos, isto é, em ciclo fechado, processando-se da periferia para o centro. Não que ela seja puntiforme, mas é uma dimensão consciencial inconcebível para nós. O princípio psíquico, inteligente, animando o mineral, se assim nos podemos expressar, constroi o minério, atraindo e reunindo os elementos dos fluidos apropriados, por meio de uma ação magnética atraente. Aqui, como em todo o seu progressivo desenvolvimento até a fase humana, a ação desse princípio ou desse psiquismo-diretor é dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos. A ação desses Espíritos é tanto mais direta e acentuada quanto mais inconsciente é o ser, pois que a mônada é tanto mais integrada na forma quanto mais esta é evoluída ou aperfeiçoada. Não há Espíritos prepostos à formação de cada mineral, de cada vegetal ou de cada individualidade animal ou humana; sua ação e vigilância é geral e se exerce sobre as massas nos reinos mineral e vegetal e sobre grupos de indivíduos animais e humanos.

O mineral arrancado do meio em que se desenvolve, morre, como morre a planta separada do solo de onde extraía a seiva e recebia os elementos que lhe mantinham a vida natural. O princípio-diretor, que interpenetrava as paredes do mineral por meio de filamentos eletromagnéticos, por seu deslocamento do meio ambiente, daí se retira por uma ação magnética e é transportado para outro ponto, dirigido pelos Espíritos prepostos, muito embora a coesão do mineral deslocado subsista, muitas vezes, por longo tempo, em virtude das propriedades relativas a cada espécie de matéria, segundo leis naturais e imutáveis.

O mineral ainda não possui em si uma individualidade; sua única sensação é a irritabilidade e não se reproduz como já o fazem as espécies inferiores vegetais como, por exem-



plo, os pólipos, por cissiparidade. O psiquismo-diretor, no mineral, forma um conjunto que se personifica, que se divide quando há divisão na massa em consequência da mutilação ou da extração. As materializações, ou melhor, suas materializações são longas e sucessivas até atingir as formas intermediárias que numa progressão continua se ligam entre si. Por efeito de suas inúmeras materializações, é o invólucro do psiquismo-diretor devidamente adaptado no plano elemental A para as ex-periências que o aguardam nas espécies vegetais. Desde as primeiras individualizações da matéria é o mineral filho de um germe cristalino, de um impulso interior e suas características se acham na sua forma típica de cristal e, quando mutilado na sua constituição, sabe reparar a mutilação, reconstituindo-se.

### 3. FLUIDO VITAL

É o fluido vital uma das muitas manifestações da energia cósmica. É ele que coordena as moléculas, células, etc., físicas e as mantém unidas em um organismo definido. É o alento de vida dentro do organismo; a porção de alento da vida universal que um dado organismo se apropria durante o período de existência corporal. Se não fora pela presença do fluido

vital, não poderia haver corpo físico como um todo integral, atuando como entidade; sem o fluido vital o corpo não seria mais que um conjunto de células independentes; o fluido vital as vincula e as conecta em um todo complexo, circulando pelas veias e vitalizando todo o organismo. É, pois, o fluido vital absorvido por todos os organismos vivos. Uma excessiva quantidade de fluido vital no **sistema nervoso** pode ser causa de enfermidades ou mesmo de morte, da mesma forma que uma porção insuficiente é causa de esgotamento, de debilidade e finalmente de morte. É, portanto, o fluido vital o ativo poder produtor de todos os fenômenos vitais.

### 4. O PERISPÍRITO

Diz Gabriel Delanne: "Em cada ser, desde a sua origem, pode constatar-se a existência de uma força que atua na direção fixa e invariável, segundo a qual se edificará o plano escultural do recém-vindo, ao mesmo tempo que o seu tipo funcional".

E citando Claude Bernard, diz: "Quando consideramos a evolução completa de um ser, vemos claramente que sua existência é resultante de uma lei orgânica, que preexiste numa ideia preconcebida e se transmite por tradição orgânica de um a outro ser. No desenvolvimento do embrião vemos,

antes de tudo, um simples esboço, precedente a toda e qualquer organização. Os contornos do corpo e dos órgãos são antes simples lineamentos, a começarem pelos aprestos orgânicos provisórios que hão de servir ao feto de aparelhos temporários. Nenhum tecido ainda se distingue. Toda a massa apenas se constitui de células plasmáticas e embrionárias. Entretanto, nesse bosquejo **está traçado o desenho ideal** de um organismo ainda invisível, e que tem assinalado a cada partícula e a cada elemento o seu lugar, a sua estrutura e as suas atribuições. Lá onde hajam de estar vasos sanguíneos, nervos, músculos, ossos, etc., as células embrionárias se transformam em glóbulos de sangue, em tecidos arteriais, venosos, musculares, nervosos, ossos. O que diz essencialmente com o domínio da vida e não pertence a química, nem à física, nem ao que mais possamos imaginar, é a **ideia-diretriz** dessa atuação vital. Em todo germe vivo há uma ideia dirigente, a manifestar-se e a desenvolver-se na sua organização. Depois, no curso de toda a sua vida, o ser permanece sob a influência dessa força criadora, até que morre quando essa força criadora não mais se pode efetivar. É sempre o mesmo princípio de conservação do ser, que lhe reconstitui as partes vivas, desorganizadas pelo exercício, por acidentes ou enfermidades. “Precisamos, diz Gabriel Delanne, recorrer ao **perispírito**, pois é ele que contém o desenho prévio, a lei onipotente que servirá de regra inflexível ao novo organismo e lhe assinará o lugar na escala morfológica, segundo o grau de sua evolução. É no embrião que se executa essa ação diretiva”. “O perispírito serve, pois, de intermediário ao espírito e ao corpo. É, como diz Kardec, “o órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do espírito, pode-se dizer que o espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa”.

O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, semimaterial, ele é expansível, irradia

para o exterior e forma em torno do corpo uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força de vontade podem dilatar mais ou menos”.

Nestas passagens de uma a outra forma de um a outro reino a evolução do psiquismo não sofre solução de continuidade. Passa ele por formas de transição, por períodos de adaptação sem, porém, qualquer interrupção na sua progressiva ascensão.

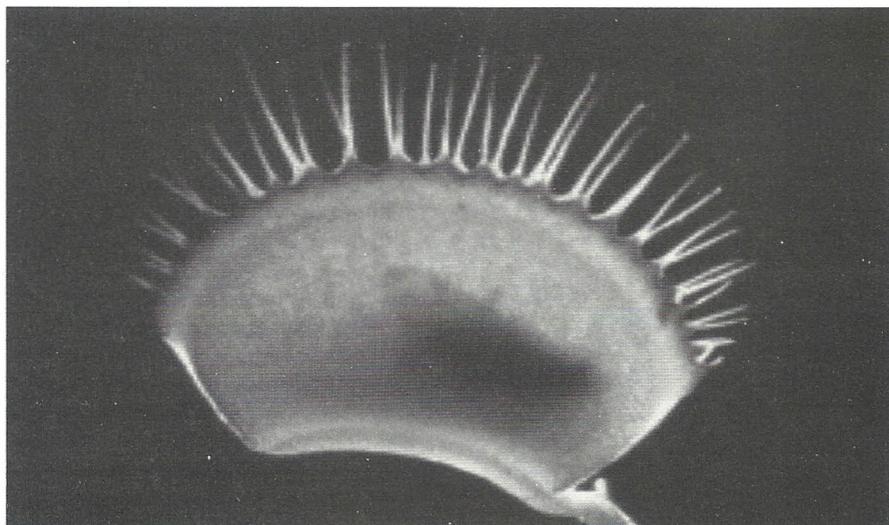
## 5. O REINO VEGETAL

No reino vegetal, as materializações do psiquismo são de mais curta duração do que no mineral, porém de maior progressividade.

Ainda não há consciência de si mesmo, nem sofrimento, mas apenas **sensação**. Assim a árvore da qual se quebra um galho experimenta uma espécie do eco da secção feita, mas não sofre propriamente. De um ponto a outro de sua organização há como que uma repercussão, uma sensação indefinida, um abalo magnético no princípio psíquico que a anima, o que vai concorrer para o seu desenvolvimento. Extraordinária já se revela a relativa sapiência do psiquismo no vegetal. Ele dirige sua formação e desenvolvimento e tudo dispõe para a realização eficiente de seu trabalho. Quando a planta cresce, suas folhas, caule e raiz estendem-se em várias direções, de forma a colocar seus órgãos na melhor posição para o rendimento da sua ação. Há aí um rudimentar conhecimento adquirido no percurso já feito e que se evidencia de forma patente. Assim, se modificarmos a posição de uma planta quando tenha chegado a pleno desenvolvimento, os seus órgãos movem-se para retomar a posição preferida, mas sem qualquer aumento de tamanho. Já vemos aqui, portanto, a manifestação de uma consciência rudimentar. Esse rudimentar psiquismo reage de forma evidente a certos estímulos que lhe auxiliam no desenvolvimento. Esses estímulos, a cuja causa a ciência materialista atribui apenas a influências exteriores mas que nós atribuímos principalmente ao princípio que plasma e anima as formas, são conhecidos, ou melhor denominados **tropismos**. Tropismo é, pois, a denominação dada às mudanças de posição de um órgão vegetal, mudanças essas relacionadas com a direção da qual provém um es-

tímulo. Assim, seja qual for a posição que se enterre no solo a semente, a primeira raiz logo que emerge da terra volta-se para baixo, enquanto o caule e as folhas se voltam para cima, atravessando o solo e, a seguir, alçando-se no ar.

A ciência oficial traduz o fato dizendo que **a raiz é dotada de geotropismo positivo e o caule de geotropismo negativo** e atribui esses movimentos à influência exclusiva da gravidade. Além desse fenômeno, observa-se ainda que depois do caule e da planta emergir do solo, pode a gravidade — segundo a ciência oficial — deixar de ser a mais importante causa no determinar a direção do crescimento; entra, então, em ação a luz, e a posição habitual dos ramos e das folhas resulta exclusivamente do efeito combinado da gravidade e da luz. Esse fenômeno é denominado **fototropismo**. Além dos fenômenos que acabamos de descrever, outros há que **provam a existência de uma causa inteligente que age de acordo com as necessidades para a conservação da vida** e segundo os obstáculos opostos pelo meio ambiente. Há outros **tropismos**, como o **hidrotropismo**, que se refere à mudança de direção das raízes em resposta à *presença da água*; o **quimiotropismo** que diz respeito à reação às *influências químicas*; o **tigmotropismo**, relativo à sensibilidade das plantas ao *toque* ou ao *contato*; o **galvanotropismo**, referente às reações à *eletricidade*; o **termotropismo**, que se refere às *reações do calor* etc. Naturalmente que todos esses fatores têm acentuada influência na conservação e no desenvolvimento da vida vegetal, mas atribuir-lhes a causa dos movimentos que respondem à necessidade de conservação da vida é com o que não podemos concordar. Eles são causas secundárias, quanto à qualidade que provocam reações internas do princípio psíquico-diretor que a elas responde com movimentos que visam a conservação da vida. Fenômenos de outra ordem demonstram a sapiência do psiquismo no vegetal; observa-se nas plantas sensitivas um movimento regular de sono. Há outras, cujas folhas funcionam como armadilhas e cujos movimentos são de extrema rapidez, a fim de que não lhes escapem a presa. A mais notável é a **dioneia** ou **apanha-**



Dioneia com a mosca apanhada (em seu interior)

**moscas**, encontrada numa região limitada das Carolinas do Norte e do Sul. Suas folhas dobram-se em duas, formando charneiras (mãos) e tendo nas margens uma fileira de espinhos. Quando estimuladas por um agente interior, fecham-se rapidamente e os espinhos enclavinham-se como dentes de uma engrenagem, fechando a armadilha. **Observa-se**, então, outra reação interessante: as **células superficiais** da folha excretam enzimas digestivas (substâncias que provocam a fermentação dos alimentos), que atuam sobre as proteínas; os corpos dos insetos são digeridos e depois absorvidos. As metades da folha tornam a descerrar-se, então, pondo-se em condições de caçar novos insetos. Vemos aí, de forma rudimentar, o que mais tarde constituirão as mãos e o estômago, sempre porém, regidos por aquilo que é indestrutível e imortal, e sobrevive a todas as mutações.

Vemos, assim, que é a explosão do psiquismo interior que exerce pressão sobre as formas que toma para sua manifestação, desde as fases primordiais das formações orgânicas. São, dessa forma, evidentes meios de ataque e de defesa, que se desenvolvem por imposição da luta contínua, e que vieram para o exterior a par da formação de órgãos internos cada vez mais complexos. Vimos nas folhas da dionéia ou apanha-moscas, órgãos de prendimento, sua mão para segurar sua presa; vemos nos espinhos, garras para ferir; pode-se ainda observar a invenção e o ardid de aproveitar o movimento alheio, abandonando as **aladas** sementes

ao vento, ou colocando-as sobre animais que passam, numa evidente demonstração de um instinto para a conservação da espécie; a semente envolta num fruto saboroso não o é para satisfação do homem mas sim um ardid, uma arte para que ele, comendo o fruto, involuntariamente leve a semente para longe, permitindo assim sua propagação; a arte dos perfumes e a estética das cores e das formas provam de forma irretorquível o desenvolvimento lento, mas progressivo e seguro, desse psiquismo diretor que marcha para cada vez mais ampla conquista da consciência, tornando, assim, através das formas, cada vez mais ativas as potencialidades latentes.

Convém notar que em todo esse processo que seguimos, procurando demonstrar que a evolução que se processa nas formas é consequência da evolução do princípio espiritual que as rege e plasma, até as superiores formas da vida humana e, além delas, as forças da natureza não obram cegamente e nem ao acaso; mas são dirigidas por Espíritos Construtores e guiadas por Entidades sábias e amorosas que agem sob a orientação magnânima dos Diretores Planetários, como acontece com o nosso orbe que está confiado à sabedoria augusta e ao amor misericordioso de Jesus Cristo.

Há ainda os agentes invisíveis de categoria inferior na hierarquia espiritual, que colaboram no Plano Divino para a harmonia universal: **os gnomos, as ondinas, os silfos e as salamandras**, também denominados **Espíritos Elementais**, são

agentes e colaboradores da maravilhosa obra divina, todos, como tudo, produto do infinito amor de Deus, nosso Pai. Miríades de Espíritos, dos mais variados graus evolutivos, estão em constante trabalho, construindo células, guiando os organismos na sua formação, modelando e colorindo flores, selecionando entre os "fatores mendelianos" os que são mais convenientes para produzir a forma. A Natureza é uma maravilhosa usina cuja extensão estupefaciente deslumbra a nossa imaginação à vista das suas infinitas manifestações e variações. Não nos esqueçamos, porém, que é sempre Ele, o próprio Deus, que se manifesta através das infinitas modalidades de manifestações que observamos na criação; cada ser, no grau em que se encontra na escala evolutiva, é uma centelha Sua manifestada por um ato de infinito amor e de infinito poder.

E, pelo que acabamos de expor em relação ao desenvolvimento da **mônada** no vegetal, vimos que a evolução é lenta e penosa. Vai assim, progressivamente, o ser adquirindo maiores possibilidades pelo armazenamento dos resultados das experiências que adquire, em torno ao seu centro que é a consciência em progresso contínuo, passando por todas as experiências de cada fase até dominá-las todas, antes que possa ascender a uma fase imediatamente superior. A **passagem** de uma fase a outra superior se faz sem acentuada transição. Há, de certa forma, aparente confusão nos tipos intermediários, sendo difícil, algumas vezes, determinar pela forma se uma espécie pertence a este ou àquele reino, o que equivale dizer que também psiquicamente, dita **aparente** confusão existe. Não há solução de continuidade na progressão do princípio espiritual que se processa gradativamente. Os planos se intercomunicam e há, no plano espiritual, planos de adaptações onde o ser se prepara para ascender de uma para a outra posição na escala evolutiva, sofrendo o seu invólucro semimaterial as necessárias modificações para possibilitar-lhe maior expressão.

## 6. O REINO ANIMAL

Prosseguindo em nosso roteiro sem qualquer solução de continuidade, subimos mais uma oitava da



O João-de-barro constrói seu ninho sobre as árvores.

mais elevada manifestação psíquica no vegetal, chegando ao chamado *reino animal*.

Após as experiências no seio das águas, berço da vida, “o ser saiu pelos charcos, atingiu a terra firme, mais tarde subirá aos ares e retornará novamente à terra firme”, e sofrendo sempre a influência ativa e constante dos meios que sobre ele atuam e impulsionado por necessidades sempre renascentes, vai-se desenvolvendo o psiquismo, aperfeiçoando as formas de manifestação e assim vão surgindo e transformando-se as espécies. Vão aparecendo e desenvolvendo-se novas faculdades, a princípio confundidas entre si e espalhadas de alguma forma em estado latente nos primeiros organismos; essas faculdades vão, pouco a pouco, se concentrando em órgãos especiais que surgem por imposição das crescentes necessidades e que se vão aperfeiçoando pelo exercício das funções. Sendo a construção do organismo plasmada segundo uma ideia, que desponta com a maturação evolutiva do meio-matéria, logo que haja possibilidade, o princípio latente se manifestará de forma diversa, segundo as circunstâncias de ambiente; manifestar-se-á onde e como o mesmo ambiente haja facul-

tado o desenvolvimento do meio de manifestação.

Assim surgem simultaneamente órgão e função e o progredir de um e de outro é recíproco e produzido por uma **ação alternativa do órgão sobre a função e da função sobre o órgão**. Desta forma a função desenvolve o órgão e este aperfeiçoa a função.

Passando às experiências no reino animal, um novo grau de consciência foi conquistado pelo psiquismo que, então, movimenta-se em mais uma direção de consciência. Da luta crescente e do esforço surgem as primeiras manifestações da inteligência, de uma inteligência relativa, a que chamamos **instinto**. Uma inteligência relativa às necessidades físicas, à conservação, a tudo que a vida material exige de vontade e de faculdades, **sob os pontos de vista da conservação do indivíduo, da reprodução e da destruição**, e à medida que haja esse psiquismo de concorrer para a vida e para a harmonia universais.

Aqui o ser não possui ainda consciência de si mesmo, nem livre-arbítrio, isto é, direito de escolha; sua rudimentar inteligência não é ainda independente, capaz de raciocínio, consciente de suas faculdades e de seus atos.

Vemos inúmeros animais que constroem os seus abrigos colocan-

do-os em posição capaz de enfrentar as intempéries. Todos conhecem o “João de Barro”. Pois este pássaro constrói seu abrigo, sobre as árvores, como se tivesse conhecimento meteorológico. Constrói-o em posição favorável e capaz de suportar as fortes correntes de vento e fortes chuvas. É o **instinto** que assim procede em virtude das experiências adquiridas pelo ser em vidas pretéritas. Outros instintos surgem bem como a tendência para a construção de domicílio, como podemos observar nas espécies denominadas crustáceos: ostras, caramujos, caranguejos, etc.; a conservação da espécie desperta extremo ardor genésico, pois “a Divindade que a todos confere a existência, a todos faz depositários de faculdades criadoras”. “O piri-lampo, ao cintilar na sombra, busca apenas a perpetuação da espécie. O batráquio sente vibrações de amor e de paternidade nos recessos do charco. Aves minúsculas viajam longas distâncias colhendo material para tecer um ninho. A fera olvida a índole selvagínea, ao lambar, com ternura, um filho recém-nato”. A **voracidade** também cresce e cega é a **crudeldade**, pois o animal, no alvorecer do amor, só conhece a piedade para com os seus filhos; surge depois, o ardil, a astúcia de que são mestres os aracnídeos, a aranha, por exemplo, que tece com rara habilidade sua teia para nela aprisionar suas incautas vítimas.

Mais acima, na escala, nos seres mais evoluídos surgem sensações mais amplas, tais como a vida de relação, provisão de guerra e defesa coletiva e, por último, a sociabilidade, mais comum nos insetos, principalmente entre as abelhas e as formigas, cuja organização social já tem sido sobejamente descrita e que pode servir de modelo a muitas das sociedades humanas.

Dessa forma, observamos que à medida que o ser vai ascendendo, destruindo o velho material que constrói e que lhe serve de invólucro e construindo outros mais aperfeiçoados, **morrendo** e renascendo, habitua-se, progressivamente, mediante reencarnações sucessivas, ao manejo cada vez mais perfeito do **aparelho**, da **forma** e dos **órgãos** que constrói; todos esses atos com a repetição, tornam-se automáticos pela **reiterada frequência** das

mesmas necessidades. Pois é essa repetição que determinará aquele **instinto** ao qual já nos reportamos. É, pois, o **instinto**, o resultado das experiências já realizadas, cujos movimentos se agregaram em torno ao centro do ser que, como já dissemos, é a consciência; movimentos esses que se fundem aos movimentos já existentes. É assim o instinto a forma mais baixa, mediante a qual se manifesta a alma. Ele, o instinto, resulta das sensações que sobre o princípio espiritual determinam as emoções de prazer ou de dor. “Procurando as emoções que determinam prazer e fugindo das que determinam dor, o ser realiza atos instintivos, que se traduzem por ações reflexas de que pode ter consciência sem poder muitas vezes impedi-las, mas que se adaptam admiravelmente à sua existência. Assim, na lebre que foge ao menor ruído, no veado e na maioria das aves e animais muito batidos pelo degradante “esporte” denominado caça, o movimento de fuga é involuntário, inconsciente, em parte **reflexo**, em parte **instintivo**, mas é sobretudo, diz Gabriel Delanne, um movimento adaptado à vida animal, cuja finalidade é a sua conservação. Para ele não há escolha, não há alternativa, foge fatalmente, por conhecimento instintivo, em parte — **herança psíquica** — e, em parte, reflexo, isto é — **herdado dos seus antepassados** — que outro tanto fizeram em milhões de gerações; sua salvação, ou melhor, sua conservação, só na fuga pode encontrar.”

Como observamos, uma dupla série de efeitos excita por sua atuação na parte sensorial do cérebro dos animais, pelo meio exterior em que vivem: primeiro, uma sequência de ações corporais reflexas, depois, uma classe de manifestações psíquicas

correspondentes; as ações psíquicas são vagas, imprecisas, primitivas, estreitamente ligadas ao organismo e ao seu ambiente.

Tendo cada grupo de seres animais a sua estrutura peculiar, isto é, a mesma para cada grupo, e quase idêntica para cada indivíduo do mesmo grupo, essa estrutura própria exige determinadas condições de existência física, as mesmas para todos. Em consequência, as ações e reações são sempre as mesmas, mais ou menos, para uma mesma espécie e, conseqüentemente, provocam as mesmas operações intelectuais obscuras. Essas operações, constantemente repetidas, incrustam-se de alguma sorte no perispírito que as petrifica, por assim dizer, no aparelho cérebro-espinhal ou nos gânglios que lhe equivalem nos seres inferiores, assim chegando a fazer parte do animal. A aptidão para manifestar exteriormente essas operações, que acabam tornando-se inconscientes, é transmitida por **hereditariedade física**, segundo a ciência, **perispiritualmente** — dizemos nós, por isso que se trata tão só de seres modificados, que vêm habitar novos corpos”.

Tal é, segundo Gabriel Delanne, autoridade plenamente reconhecida no assunto, pelo menos espíritas, a gênese dos instintos naturais primitivos.

É nessa categoria que se colocam os instintos, cujo objetivo é: **nutrição, conservação, reprodução**.

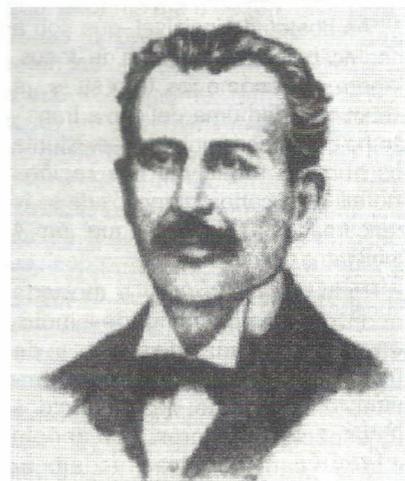
“Ao estado rudimentar dos instintos naturais primitivos, sucede com o tempo e com a experiência uma noção clara das relações do ser e do seu organismo com o seu ambiente. A inteligência acaba adquirindo uma certa intuição do fim objetivado pelo ser, para o que concorre o aguilhão das excitações exteriores e interiores.

Pouco a pouco vai a inteligência se desprendendo do meio perispiritual

grosseiro e, assim, permitindo que o Espírito alicie, em proveito dos instintos naturais, melhor apropriação das condições ambientes. Vão, assim, os instintos naturais sendo modificados pela inteligência e se as causas que acarretam essas modificações são persistentes, elas se tornam inconscientes e se fixam no invólucro fluídico, passando a ser verdadeiramente instintivas.

O que se transmite, pois, por hereditariedade não é mais do que aptidão para conceder, quase inconscientemente, tal ou qual relação; é a aptidão para procurar e descobrir novas relações, até que possa, enfim, mostrar-se na maravilhosa flores-cência da razão humana.”

“Era indispensável — diz Delanne — passasse o princípio espiritual por essas tramas sucessivas, a fim de fixar no invólucro as leis que em estado latente traz em si e que regem a vida, embora isto não seja consciente para os seres nos inferiores graus evolutivos. Só assim, e depois desse trabalho preliminar pode o ser entregar-se aos trabalhos de aperfeiçoamento intelectual.”



Gabriel Delanne

49.  
EVOLUÇÃO ANÍMICA (II)



1. EVOLUÇÃO DA MÔNADA NO HOMEM

Pelo que já foi exposto, vimos que a **evolução**, nos planos inferiores, apóia-se numa cadeia de fenômenos de **assimilação** que é a função orgânica, por meio da qual os seres vivos transformam os alimentos em substância própria; de **adaptação**, que é o ajustamento do ser ao meio ambiente em que vive; **hereditariedade**, que é a herança dos resultados obtidos nas experiências realizadas; **seleção**, que é a sobrevivência das variedades vegetais e animais mais adaptáveis, com sacrifício das menos aptas, que vão desaparecendo.

“As hostes do invisível, que sob a orientação sábia e amorosa de Jesus, dirigem os fenômenos terrestres, já tinham operado uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente dos homens primitivos nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações”, diz Emmanuel, em *A Caminho da Luz*.

Pode, dessa forma, a mônada encontrar as possibilidades indispensáveis às manifestações de outros atributos, ainda não manifestados e, portanto, desconhecidos das espécies inferiores, que dariam ao ser as características fundamentais de sua condição humana. “Mais aprimorada inteligência, surge a **razão**; com esta nasce a **liberdade de escolha** e consequentemente a **responsabilidade**, sempre, porém, proporcionada ao grau de compreensão de que se acha dotado o ser. Até aqui, nada se perdeu nem se perderá jamais. Nenhum ato, nenhuma experiência, nenhuma prova passaram sem deixar sua impressão. Transformou-se assim não só a consciência primordial, mas também a forma que a encobre e que lhe serve de veste, o ambiente que

a cerca, por um lento processo, mas seguro, de contínuas composições. Cada vez mais sábia se torna o ser, por ter vivido e por efeito das experiências que acumulou em todo o seu passado.

Aperfeiçoou-se nos seus órgãos e especializou-se suas aptidões. No homem continua a existir tudo aquilo que forma a parte essencial do ser e sobre que repousam as qualidades adquiridas nas pretéritas existências: a consciência orgânica, obscura, automática, mas sempre presente, porque, se bem que abandonada na profundidade do ser, está sempre em contínuo funcionamento; através do instinto vivo, presente, sábio, como se observa nos animais, e recordador por ter assimilado e conservado os resultados, mas agregado de novas camadas de aquisições com a associação da inteligência, da razão, qual feixe de faculdades psíquicas que formam a consciência propriamente dita. O homem resume em si todas as menores consciências. Cada célula tem a sua consciência, pequenina embora, presidindo o seu recâmbio em todos os tecidos, em todos os órgãos; cada órgão tem também a sua consciência que dirige as células que o compõem. Uma consciência maior, coletiva, dirige o funcionamento de todo o organismo, uma consciência instintiva que rege e conserva a vida animal.

2. O SUBCONSCIENTE

Assim, o funcionamento do nosso organismo é confiado a unidades inferiores de consciência e se efetua fora da consciência ordinária, que é limitada ao âmbito em que se executa o trabalho útil das construções no nosso esforço diário para a conservação da vida, para a aquisição de novos valores, na nossa vida de

relação. O resultado das experiências vividas e definitivamente assimilado é abandonado nos substratos da consciência, a zona que podemos chamar de **subconsciente**. O processo de assimilação do resultado das experiências, que se realiza por transmissão ao subconsciente, constitui a base do desenvolvimento da consciência. No subconsciente tudo se conserva; todas as conquistas alcançadas pelo ser em sua larga peregrinação, o resultado de todas as experiências já vividas. Tudo o que aí se acha conservado, ainda que esquecido, ressurgirá, desde que uma excitação o desperte, sempre que um fato o exija. Assim é que podemos ler sem recordar as fases de aprendizagem para conhecer as letras, as sílabas, como da mesma forma podemos escrever; um pianista não necessita recordar os empregos da **clave** e das **notas** para executar um trecho musical, porque tudo isso já se acha assimilado e depositado no subconsciente, pelo estudo e exercícios repetidos que precederam à sua atual condição. **É, pois, o subconsciente a zona dos instintos**, das ideias inatas, das qualidades obtidas. Representa o subconsciente todo o passado já transposto, inferior, mas adquirido.

É neles que se depositam todos os produtos substanciais da vida; nessa zona encontramos de novo o que fomos e o que fizemos, todo o caminho seguido na construção de nós mesmos, assim como nas estratificações geológicas se nos depara toda vida do planeta, todo o seu passado vivido.

**É por meio da repetição constante** que se dá a transmissão ao subconsciente. Não são, portanto, os hábitos, mais do que a exteriorização daquilo que adquirimos e que

foi transmitido ao subconsciente por sucessivas repetições. Todas as qualidades adquiridas são imediatamente abandonadas aos automatismos ficando fora da consciência, porque para subsistir não necessita mais que a consciência o dirija.

O **consciente** representa unicamente a fase ativa, única que sentimos e conhecemos. Os automatismos se nos apresentam sob a forma de instinto, de caráter que a personalidade assumiu. É na consciência, fase que vivemos, que se opera a evolução. Podemos concluir, portanto, que pela educação, o estudo, o hábito, edificamo-nos a nós mesmos. Exercitando-nos na prática do bem, perseverantemente, adquirimos o hábito de praticá-lo e, adquirido o hábito, é eliminado da zona da consciência porque pode, de então para diante, funcionar por si deixando em repouso o Eu. Podemos compreender agora algumas inexplicáveis características do instinto, assim como a sua maravilhosa perfeição. Nele, o fenômeno não se acha em formação, já foi realizada a assimilação, já chegou a sua última fase de aperfeiçoamento. Por isso, o instinto é tenaz e sábio; existe hereditário e sem adestramento, precisamente porque este já se verificou; age sem reflexão no animal e no homem porque já refletiu o suficiente. Se a razão cobre um campo mais vasto do que o instinto, este, contudo, no seu pequeno campo, já alcançou um grau de maturação mais avançado, como se pode observar pela segurança dos atos e um grau de perfeição ainda não atingido pela razão humana que, por suas tentativas, revela as características evidentes da fase de formação, de experimentação.

E, do mesmo modo que o animal raciocinou rudimentarmente no período da construção do seu instinto, também a razão humana aportará, concluída a sua formação, a um instinto complexo e maravilhoso, que revelará muito mais profunda sabedoria.

Não é, pois, a razão humana, mais que simples continuação do instinto animal que subsiste no homem. Compreendamos, portanto, que não devemos antepor a razão ao instinto nem este àquela; instinto e razão não são mais do que **duas fases de consciência**, a primeira já transporta e, por isso, funcionando



O resultado das experiências vividas é abandonado nos substratos da consciência — o subconsciente.

automaticamente, a segunda ainda em via de formação. Instinto e razão mais não são do que dois momentos de mesmo processo evolutivo. Além de sobreviver no homem todo o instinto animal, continua a efetuar-se a formação dos instintos, como sucede com aquele, e pelo mesmo sistema de transmissão ao subconsciente se bem que muito mais rapidamente, dada a potência psíquica do homem, e também em nível muito mais alto, dada a complexidade do seu psiquismo. No homem, é inconsciente a fase do instinto e consciente a fase da razão; no animal, além do instinto inconsciente, há uma reduzida zona de formação, portanto, consciente racional, embora de uma consciência e racionalidade primitivas. E podemos observar que nem todos os atos dos animais se acham cristalizados no instinto, que neles há sempre uma porta aberta para novas aquisições por meio de adestração, da domesticação paciente.

### 3. O SUPERCONSCIENTE

Além dessas duas zonas, o obscuro subconsciente e o lúcido consciente, há ainda uma terceira zona, a do **superconsciente**. Aqui tudo é expectativa e é onde se preparam as conquistas do amanhã. É ainda,

para a quase totalidade dos homens, essa fase, possuída apenas como pressentimento e contida em germe nas causas atuantes do presente, do qual exprime ela o desenvolvimento. Todas as zonas de consciência aqui referidas, subconsciente, consciente e superconsciente, têm uma amplitude, um desenvolvimento, relativos ao grau evolutivo do ser; aquilo que para uns é consciente ou superconsciente, para outros pode ser já subconsciente, por se acharem estes mais adiantados, por representar percurso já feito e experiências já assimiladas e transmitidas ao subconsciente.

**Material, moral e espiritualmente**, aquilo que uns ainda se esforçam por adquirir, outros já conquistaram. Num mesmo indivíduo, esses limites também variam durante uma encarnação, sendo esta precisamente o período das aquisições e transformações da consciência.

A juventude é a idade mais apropriada a essas aquisições, ou melhor, a mais suscetível de educação, porque a consciência se mostra mais propensa à assimilação, à estabilização de novos automatismos, que se fixarão indelevelmente no caráter, em virtude de se achar a consciência refrescada pelo repouso que desfrutou no intervalo de duas reencarnações.

#### 4. CONCLUSÃO

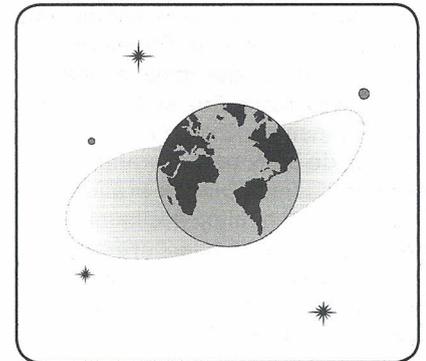
O Divino Amigo fornece roteiro seguro para todos. Sentindo-O e convertendo-nos a Ele, edificaremos em base segura o nosso futuro. De conformidade com o trabalho que livremente executamos, estaremos construindo ou destruindo os valores na senda da evolução que, no nosso nível, razão é progresso

moral e psíquico. Quem não aspira ascender, quem se conserva ocioso na “praça pública”, sem esforço auto-educativo, quem palmilha as sendas do mal desce e destrói o próprio eu, extingue a luz da sua compreensão. Quem pratica o bem, quem nunca se contenta com as conquistas já realizadas e procura ascender cada vez mais, sobe e se dilata a si mesmo, cria a própria riqueza de concepção e

potência de alma. A punição e o prêmio são automáticos e inexoráveis. Como companheiro inseparável para a ascensão temos a dor que, pelas reações de Espírito que provoca, é agente seguro de progresso para fases e dimensões superiores no campo da consciência.

Não é, pois, a vida, um fim, mas um meio para outra mais alta finalidade: a **evolução**.

## 50. CATEGORIAS DOS MUNDOS — MIGRAÇÕES



*“Na Casa de Meu Pai Há Muitas Moradas.”*

*Jesus*

#### 1. INTRODUÇÃO

Xenófanes, filósofo grego, fundador da Escola de Eléa, com muita razão afirmou que o antropomorfismo é inerente à constituição mental do homem. E, na verdade, julgamos tudo inadvertidamente, à nossa imagem e semelhança. O próprio Deus, o absoluto, o Incrariado. Causa das causas, que o Areópago de Atenas tinha declarado **incognoscível**, comumente passa aos olhos da alma humana através do prisma da sua personalidade.

“Na origem das coisas, ensinavam os Vedas, o grande Espírito perguntou às almas que criara, qual o corpo que preferiam, e que essas almas depois de terem passado em revista todos os seres, adotaram o corpo humano, como sendo o reflexo da mais bela das formas.” O livro dos Vedas é o mais antigo dos livros de cosmogonia religiosa. Desde a mais remota antiguidade, a opinião da grande maioria dos homens não mudou, pois os mais humildes entre os homens não duvidam de que sejam eles a obra-prima da criação e os reis do Universo, e, quando o espírito religioso, sondando a distância que nos separa do Altíssimo, coloca

sobre os degraus dessa distância uma hierarquia de seres superiores, anjos ou santos, não pode achar formas mais belas e mais dignas dessas superiores inteligências do que a forma humana divinizada. Tudo tem o homem humanizado, e não há, nem entre os objetos exteriores mais estranhos — por exemplo, o Sol e a Lua — qualquer que não tenha sofrido a influência desta predisposição geral e que não tenha sido representado sobre uma figura humana.

Contudo, o estado atual dos conhecimentos humanos não mais comporta esse critério, que não tem outro fundamento além da ilusão dos precários sentidos do homem dessa pequena dose de vaidade que cada qual traz quando vem ao mundo. Ao contrário, pode aceitar-se em princípio que, para avaliar criteriosamente a natureza das coisas, importa antes de tudo não tomarmos como termo de comparação, nem como referência, o que nos respeita, mas tratar de conhecer os objetos no seu justo valor. É este um princípio, cuja importância precisamos apreciar e que particularmente devemos aplicar sempre que nos dedicarmos aos estudos dos habitantes dos infinitos mundos que provam o ilimitado.

Lamber, nas suas eruditas cartas cosmológicas, assim como os mais

sábios entre os que se dedicaram ao estudo desta sedutora questão da habitabilidade dos globos celestes, reconheceu a impossibilidade em que nos encontramos de emitir conjeturas plausíveis sobre os habitantes dos outros mundos, e que, obediente às lições da sábia natureza, compreendeu que a força vivificante, cuja influência fez germinar a vida, na origem dos seres, opera em toda parte, segundo os variados elementos inerentes a cada um dos mundos.

“Pode, portanto, afirmar-se que todo aquele, quem quer que seja, **que não disponha senão dos sentidos comuns a todo homem**, que pretenda definir seriamente as raças de outros planetas, caracterizar as suas condições de existência, dar a conhecer o seu estado físico, intelectual ou moral, explicar a sua natureza e o seu modo de ser, pode afirmar-se, dizíamos, que todo homem que emita semelhantes pretensões está sujeito a cair no mais crasso erro.”

Se é firme a nossa convicção sobre a verdade da pluralidade dos mundos habitados, devemos pelo menos, por enquanto, diz Flammarion, até que sejam levantados os véus que cobrem esse relativo mistério, renunciar ao título de colonizadores de planetas, sustentando que, no estado